

PAPA FRANCISCO

Título original: *Papa Francesco – La vita e le sfide*

ISBN 978-88-215-7915-8

© 2013 Edizioni San Paolo s.r.l.

Tradução: Pe. José Bortolini

Direção editorial: Claudiano Avelino dos Santos

Assistente editorial: Jacqueline Mendes Fontes

Revisão: Iorlando Rodrigues Fernandes

Manoel Gomes da Silva Filho

Capa: Marcelo Campanhã

Diagramação: Dirlene França Nobre da Silva

Impressão e acabamento: PAULUS

1ª edição, 2013

©PAULUS – 2013

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

Fax: (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3633-0

SAVERIO GAETA

PAPA FRANCISCO
A VIDA E OS DESAFIOS



INTRODUÇÃO

A PROFECIA DE UMA RENÚNCIA

Por volta das 19 horas de quarta-feira, 13 de março, na Capela Sistina ressoou uma vez mais o tradicional “*Accepto*”: a fórmula mediante a qual aquele que até o momento era o cardeal Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires (Argentina), acolheu a vontade manifestada pelos coirmãos, que acabavam de elegê-lo como novo Papa.

Iniciou-se assim o 266º pontificado da história. O mais inesperado, e ao mesmo tempo aquele que abre cenários inéditos e põe na mesa questionamentos em parte ainda não definitivamente solucionados.

O noticiário das últimas semanas, às portas de se tornar história, ainda está vivo nos olhos e no coração de centenas de milhões de pessoas. Não somente católicos ou cristãos, visto que a voz do Pontífice, que de Roma se expande até os extremos confins da terra, é sólido baluarte de valores e um significativo apelo também para muitos que não compartilham o caminho de fé.

Por isso, o anúncio de Bento XVI durante o Concistório ordinário público para a canonização de alguns beatos, há tempo programado para o dia 11 de fevereiro passado no Palácio Apostólico Vaticano, não foi “um raio em pleno céu sereno” – como o definiu o decano do Colégio cardinalício Angelo Sodano – somente para as poucas dezenas de pessoas presentes à cerimônia. Num par de segundos a notícia deu a volta no mundo e desencadeou uma avalanche de opiniões em todos os níveis.

De acordo com os especialistas em Direito Canônico, pela primeira vez foi plenamente aplicada a norma que todavia sempre fez parte do *corpus* jurídico da Igreja. O Código de 1983, no segundo parágrafo do cânone 332, a propõe da seguinte forma: “No caso que o Romano Pontífice renuncie ao seu ofício, exige-se para a validade que a renúncia seja feita livremente e que seja devidamente manifestada, não se exige porém que alguém a aceite”.

E com efeito Bento XVI usou justamente esses conceitos em seu discurso: “Bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro renunciar ao ministério de bispo de Roma, sucessor de são Pedro, a mim confiado pelas mãos dos cardeais no dia 19 de abril de 2005, de forma que, a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20 horas, a sede de Roma, a sede de são Pedro, estará vacante”. A partir deste último momento, Joseph Ratzinger tornou-se formalmente o primeiro “Papa emérito” da história.

Como explicação do seu gesto, uma sintética confiança: “Após haver repetidamente examinado minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, dada a idade avançada, não são mais aptas para exercer de forma adequada o ministério petrino. Estou muito consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser realizado não somente com as obras e as palavras, mas não menos sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de são Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor tanto do corpo quanto do ânimo, vigor que, nos últimos meses, em mim diminuiu de tal forma a ponto de ter que reconhecer a minha incapacidade em administrar bem o ministério a mim confiado”.

Para documentar quão essa decisão fosse conhecida por poucos, é sintomática a ausência na sala do Concistório de vários cardeais que haviam preferido dar sequência aos seus compromissos de trabalho em vez de participar de um encontro que, embora significativo (reconhecia-se a santidade de alguns beatos, entre os quais os mártires de Otranto), parecia de qualquer modo rotineiro. Entre os poucos que estavam a par, além do secretário de

Estado do Vaticano, Tarcisio Bertone, e do secretário particular, Georg Gänswein, havia o decano Angelo Sodano (que fora informado somente no dia anterior), o cardeal Gianfranco Ravasi (chamado a pregar os exercícios espirituais de Quaresma na semana sucessiva) e, parece, o cardeal Marc Ouellet, recebido como de costume na tarde de sábado, dia 9, na condição de prefeito da Congregação para os bispos.

A decisão de Bento XVI foi sofrida e não abafou a própria luta interior. No *Angelus* de 17 de fevereiro, comentando as tentações de Jesus no deserto, fez compreender que tivera dúvidas de que essa renúncia pudesse ser uma tentação à qual ele próprio estava sendo submetido: “Nas tentações está em jogo a fé, porque Deus está em jogo. Nos momentos decisivos da vida, mas, olhando bem, a todo momento, estamos diante de uma encruzilhada: queremos seguir o eu ou Deus? O interesse individual ou o verdadeiro Bem, aquilo que realmente é bem?”

E na Audiência geral de 27 de fevereiro explicou: “Nestes últimos meses percebi que minhas forças haviam diminuído, e pedi a Deus com insistência, na oração, que me iluminasse com sua luz para fazer-me tomar a decisão mais justa não para o meu bem, mas para o bem da Igreja. Dei esse passo plenamente consciente da sua gravidade e também de sua novidade, mas com profunda serenidade de ânimo. Amar a Igreja significa também ter a coragem de fazer escolhas difíceis, sofridas, tendo sempre à frente o bem da Igreja e não a si próprios”.

Provavelmente essa iluminação não teve conotações sobrenaturais nem as características de revelação mística. Mas, do mesmo modo provável, deve ter acontecido numa absoluta certeza interior, uma espécie de sigilo divino, referente à bondade de sua iniciativa. Caso contrário, não se explicariam as fortes expressões no *Angelus* de 24 de fevereiro: “O Senhor me chama para ‘subir à montanha’, a dedicar-me ainda mais à oração e à meditação. Mas isto não significa abandonar a Igreja, pelo contrário, se Deus me pede isto é justamente para que eu possa continuar servindo-a com a mesma dedicação e o mesmo amor com o qual procurei fazê-lo até agora, mas de modo mais adequado à minha idade e às minhas forças”. E

outras palavras da Audiência de 27 de fevereiro: “Não abandono a cruz, mas fico de modo novo junto ao Senhor crucificado”.

Para alguém tingiu-se com tom profético a referência à montanha e à cruz (juntamente com o anúncio feito na festa de Nossa Senhora de Lurdes e no final da proclamação de novos santos mártires), relendo as palavras da terceira parte do terceiro segredo de Fátima, onde irmã Lúcia conta ter visto “um bispo vestido de branco (tivemos o pressentimento de que fosse o Santo Padre) [...] subir uma montanha íngreme, no topo da qual havia uma grande cruz de troncos brutos como se fosse uma corticeira com a casca; o Santo Padre, antes de chegar lá, atravessou uma grande cidade em meio a ruínas e meio trêmulo com passo vacilante, afligido de dor e de pena, rezava pelas almas dos cadáveres que encontrava em seu caminho; chegado ao topo da montanha, prostrado de joelhos aos pés da grande cruz, foi morto por um grupo de soldados que dispararam vários tiros de arma de fogo e flechas. [...] Sob os dois braços da cruz havia dois anjos, cada qual com um regador de cristal na mão, nos quais recolhiam o sangue dos mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus”.

Ao passo que para outro adquiriu valor de prenúncio aquilo que aconteceu em abril de 2009, durante a sua visita à cidade de Áquila, poucos dias após o devastador terremoto de 6 de abril. Com efeito, durante as homenagens aos restos mortais de Celestino V, na basílica de Collemaggio, o papa Ratzinger tirou o pálio pontifício, a faixa de lã branca de formato circular que indica o poder do Bom pastor, e o depositou sobre a urna do santo pontífice passado à história por causa da “grande recusa” feita no dia 13 de dezembro de 1294, após pouco mais de cem dias de reinado.

A síntese mais intensa desses seus quase oito anos de pontificado Bento XVI a propôs durante a última Audiência Geral, referindo-se sobretudo ao momento em que aceitou assumir o ministério petrino: “As palavras que ecoaram em meu coração foram: Senhor, por que me pedes isto e o quê me pedes? Aquilo que me pões nos ombros é um peso grande, mas se tu o pedes a mim, na tua palavra lançarei as redes, certo de que tu me guiarás, apesar de todas as minhas fraquezas. E oito anos depois posso dizer que o

Senhor me guiou, esteve perto de mim, pude perceber cotidianamente a sua presença”.

Portanto, prosseguiu: “Foi um trecho de caminho da Igreja que teve momentos de alegria e de luz, mas também momentos não fáceis; eu me senti como são Pedro com os apóstolos na barca no lago da Galileia: o Senhor nos concedeu muitos dias de sol e de brisa suave, dias nos quais a pesca foi abundante; houve também momentos em que as águas estavam revoltas e o vento era contrário, como em toda a história da Igreja, e o Senhor dava a impressão de dormir. Mas eu sempre soube que naquela barca há o Senhor e sempre soube que a barca da Igreja não é minha, não é nossa, mas é dele. E o Senhor não a deixa afundar; é ele quem a conduz, certamente também mediante os homens que escolheu, porque assim quis. Esta tem sido e é uma certeza, que nada pode ofuscar”.

As últimas palavras de despedida, pronunciadas no balcão central do Palácio apostólico de Castel Gandolfo encarnam inteiramente a sua profunda humildade: “Sou simplesmente um peregrino que inicia a última etapa da sua peregrinação nesta terra”. Mas representam também um viático para o sucessor, que na sua difícil missão poderá contar com a intercessão no céu do beato João Paulo II e na terra com o patrocínio da oração de Bento XVI.